

UMA NOVA INTERAÇÃO EDUCATIVA: ACC/FCH - 455¹

Antonio Mateus de Carvalho Soares²

1. INTRODUÇÃO

Desde as cátedras gregas percebe-se que a universidade existe porque a sociedade existe. Neste sentido, sempre percebemos discussões sobre a relação que deve existir entre universidade e sociedade. Como estabelecer um processo interativo de reciprocidade entre esses dois entes?

Pensando nesta reciprocidade, universidade x comunidade, foi criada a ACC – Atividade Curricular em Comunidade, projeto de extensão da Universidade Federal da Bahia, que se enquadra formalmente na burocracia institucional universitária como uma disciplina optativa e transdisciplinar, visando ao contato com diversas comunidades, tanto na área metropolitana de Salvador, como no interior do Estado da Bahia. Um projeto inovador, que revoluciona a relação entre Universidade e Comunidade, fazendo surgir um diálogo mais próximo entre estes dois ambientes, promovendo um novo tipo de desenvolvimento científico – a ciência da troca, do cruzamento de idéias e da percepção do outro.

A Universidade sempre foi vista como uma instituição de grande responsabilidade social, porém a crítica que se segue é que a resposta dada pelas instituições universitárias às comunidades deixava grandes lacunas, quando se vislumbrava a grande responsabilidade que lhe é demandada pela sociedade. O principal ponto debatido pelos críticos do ostracismo universitário é que essas instituições, além de se fechar nos intramuros e nas salas de aulas, criam verdades absolutas e as lançam para a sociedade, sem que esta tenha participado da elaboração dessas verdades. Nesse sentido, a grande questão que norteia o relacionamento universidade x sociedade, e que deve ser posta em discussão, é a interação que deve ser constante e recíproca.

Com atenção aos processos necessários a uma interação recíproca entre universidade e comunidade, evidenciaremos neste trabalho exemplos de ações práticas desenvolvidas durante dois semestres na comunidade de Plataforma, bairro densamente povoado do Subúrbio Ferroviário de Salvador, que recebe um grupo de estudantes universitários, formando a equipe ACC/FCH- 455, que possuía como ementa principal:

A pesquisa e a intervenção na comunidade de Plataforma para a mobilização de adolescentes e jovens que se encontrem em dificuldades de auto-sustentação e de inserção social. No primeiro plano, adolescentes e as dificuldades de transição para a vida adulta em termos de oportunidades de trabalho, estado e lazer; pesquisa sobre as condições concretas de vidas e expectativas; no segundo, preparação dos jovens através de oficinas e cursos de formação para ações compartilhadas: cooperação e solidariedade através de práticas educativas e de artes. Análise da problemática do primeiro emprego – da preparação para o trabalho e as medidas e possibilidades de realização de projetos de vida e de animações da vida. Os cursos versam sobre a problemática do corpo e das próteses culturais: saúde, sexualidade, estéticas e signos, do habitar do morar e relações de vizinhanças, de grupo e outros de caráter mais instrumental; da sedução: amor, amizade, galeras, festas e fantasias; compartilhamento

¹ Relatos de experiências interativas em atividades de extensão sob a orientação do Professor Dr. Carlos Geraldo D`Andrea Espinheira / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/ Departamento de Sociologia/ UFBA.

² Acadêmico do Curso de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

e coesão sócio política: objetivos e projetos comuns; da cidadania: direito específicos e difusos.

As ações práticas que foram desenvolvidas na comunidade de Plataforma serão aqui postas como referencial pedagógico de interação, entendendo que o exposto servirá como um conjunto de processos e técnicas para ensinar a aprender, e aprender ensinando. Visa-se a uma relação de troca entre os estudantes universitários e a comunidade de Plataforma. Sendo assim destacaremos pontos-chaves para a realização de um trabalho social: Formação da Equipe; Envolvimento Comunitário; Atividades Realizadas.

2. FORMAÇÃO DA EQUIPE

A equipe de ACC/FCH-455 foi composta por um grupo de doze estudantes universitários, matriculados regularmente na ACC/ FCH-455, como disciplina optativa, uma equipe multidisciplinar formada por graduandos em: Sociologia, Psicologia, Antropologia, Direito. Estudantes sob a coordenação do Prof. Dr. Carlos Geraldo D' Andrea Espinheira – Doutor em Sociologia, Professor e Chefe do Departamento de Sociologia da FFCH/UFBA e pesquisador associado ao Centro de Recursos Humanos (CRH) da Universidade Federal da Bahia, e sob monitoramento de Antonio Mateus de Carvalho Soares, graduando em Sociologia/UFBA e Urbanismo/UNEB.

Os estudantes que fizeram parte de nossa equipe foram os seguintes: Alberto Álvaro Vasconcelos Leal Neto; Ana Carolina de Aguiar Rodrigues; Isabele Costa Duplat; Regina Trindade Lopes; Mirela Santos; Kueila Bittencourt; Luciana Santos; Luiza Campos; Moisés Silva; Marcela do A. Pataro Machado; Mirella Santos; Paulo Aquino; Jackson Rios.

Seria insensato de nossa parte afirmar que todos se empenharam da mesma forma na realização das atividades – uns destacaram-se mais que outros, realmente se envolveram com a proposta da ACC e interagiram com a comunidade de Plataforma. Uma minoria, mesmo levando as atividades até o fim, mostrou-se desinteressada com os trabalhos de interação; contudo, não foram tidos como empecilhos para a realização de nossa proposta de trabalho, pois entendemos que a ida ao campo, o contato direto com a pobreza ‘nua e crua’, o observar de perto as condições adversas de sobrevivência é algo de difícil aceitação, e nem todos se mostram aptos a se aproximar integralmente. Assim como o preconceito do subúrbio, o medo, o ter que sacrificar a manhã do sábado, foram variáveis que, de certa forma, dificultaram a participação efetiva de dois ou três membros.

Entretanto, encaramos este relativo desinteresse como algo natural, pois quantas vezes em outras disciplinas da faculdade observa-se isto? Mas, para nossa felicidade, assim como para a felicidade da comunidade, a maioria dos membros da equipe dedicou-se perseverantemente na realização das atividades, tanto nas oficinas, entrevistas e caminhadas durante as manhãs de sábado, como também durante a noite, participando de reuniões com a comunidade e com associações do bairro. Estudantes que validam a existência da ACC e confirmam que é um projeto sério com objetivo de reflexão e interação social.

3. ENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Envolver: cercar; comprometer em ação artilosa; embrulhar; tomar parte³.

O envolvimento universidade/comunidade começa com a aproximação, entre os representantes da universidade – professor e aluno, e os membros da comunidade. O envolvimento precede a

³ Minidicionário Ruth Rocha.

interação, e esta sucede a produção de um diálogo de conhecimento e reconhecimento de pessoas e grupos, até então desconhecidos, e que passam a se integrar a partir de um projeto inovador e necessário: a ACC.

Cercamos e fomos cercados pela comunidade de Plataforma, nos comprometemos em estar próximos por quatro meses, tempo curto, mas de grande troca de aprendizagem, em que o morador esperançoso de Plataforma criava expectativa em relação aos estudantes da Universidade Federal da Bahia, como se estes pudessem resolver seus problemas cotidianos.

Como as atividades do semestre 2002.2 em Plataforma davam continuidade às do semestre passado, foi mais fácil o envolvimento com a comunidade, pois, nesta segunda fase, a preocupação que suscitava era a de manutenção do contato inicial. Por isso tentamos ser criativos, animados e abertos a ouvir a comunidade. A criatividade fez com que o contato fosse assegurado e o envolvimento mantido.

O fazer parte de uma realidade, como a de Plataforma, mesmo por apenas quatro meses, não é algo fácil, é necessário gosto pelas realizações e compromisso com as responsabilidades assumidas, pois uma falta nossa pode ser considerada um desestímulo para a participação comunitária. No entanto, mesmo sendo uma comunidade aberta ao contato, os plataformenses, como a maioria das comunidades em situação similar, mostram-se desconfiados, pois alguns já não acreditam nos projetos comunitários. Supõem que o interesse da universidade é apenas utilizá-los como objetos de estudos, e, depois do trabalho pronto, ir embora e esquecer que a comunidade deles existe.

Na verdade, os que nos olharam com desconfiança não estão em tudo errados, já que a universidade tradicionalmente percebe(ia) as comunidades empobrecidas como ambientes de prospecção de conteúdo empírico para trabalhos acadêmicos. Entretanto, podemos dizer que as atividades da ACC contrariam essa praxe universitária, pois é um projeto de Atividade Curricular em Comunidade, com o objetivo de repensar a universidade, reflexão que vai além dos muros da academia, buscando nas práticas interacionistas uma verdadeira universalidade do conhecimento.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o envolvimento foi estabelecido, as mãos foram dadas, e o momento vivido certamente existirá na memória tanto dos estudantes universitários, como na memória das crianças que participaram das oficinas, dos jovens que nos ajudaram elaborar o jornal *Plataforma em Debate*, das mães moradoras do bairro, que enquanto faziam seu crochê no Kilombo Kiôô conversavam com nossa equipe de ACC, expressando suas histórias de vidas.

4. ATIVIDADES REALIZADAS

O processo de interação com a comunidade de Plataforma foi norteado com a execução de atividades consorciadas. A equipe ACC/FCH-455 buscou articulação com outras manifestações que já existiam no bairro, dando assim consistência à atividade realizada.

A primeira atividade, que de certa forma fez a abertura de nossa interação com Plataforma, foi uma incursão feita no bairro juntamente com jovens estudantes de uma universidade norte-americana. Os representantes desta universidade, em número de vinte estudantes e dois professores, foram apresentados ao Padre Pedro e à equipe do Kilombo Kiôô. Logo após, fizemos uma incursão em São João do Cabrito, indo até o cais dos pescadores, onde se pode ter uma vista panorâmica das palafitas de Novos Alagados.

Cristalizando as relações que foram feitas no semestre passado – 2002.1, continuamos com as reuniões no Kilombo Kiôô e com participações esporádicas nos encontros com a RENA – Rede de Entidade de Novos Alagados. Nessas reuniões, escutávamos a comunidade de Plataforma e tentávamos conjuntamente propor soluções para os problemas elucidados pelos participantes. Houve também uma palestra realizada pelo CEASB, na qual nossa ACC se fez presente. A discussão referia-se ao Plano Diretor Urbano de Salvador e os professores da UFBA, Gey Espinheira e Moraes, falaram sobre a falta de participação da comunidade na elaboração do Plano Diretor Urbano de Salvador.

Além de conversas realizadas nas reuniões, em tom formal, envolvemo-nos também com o bate-papo informal, o diálogo de rua, da esquina, tentando, assim, perceber de perto o cotidiano daquelas pessoas – pescadores e moradores do bairro, em especial as mães do bairro Boiadeiro e moradores do Conjunto Nova Primavera. Foram realizadas, também, diversas entrevistas com moradores e profissionais que atuam na área de Plataforma.

Nesse contexto de realização de atividades, pode-se dizer que o grande palco de encontros com a comunidade, principalmente a jovem, foi o Colégio Bertholdo Cirilo, onde realizamos diversas oficinas: Carnaval – com uma discussão crítica dos aspectos positivos e negativos da festa; houve também oficinas de formação de agentes comunitários de comunicação – com a finalidade de estimular a escrita, e com proposta que a próxima edição do jornal fosse feita pela comunidade.

Vale a pena evidenciar que as atividades no Colégio Bertholdo realizaram-se em consonância com o Projeto Abrindo Espaço da UNESCO. Uma outra atividade de grande importância que contou com a nossa parceria, foi a Caminhada Contra a Violência e pela Paz, idealizada pela Bibliotecária Aldênia, que é supervisora escolar do Programa Abrindo Espaço.

Podemos afirmar que de todas as atividades realizadas, o Lançamento da 3^a edição do Jornal *Plataforma em Debate* foi a de maior envolvimento: ACC/FCH-455 e a Comunidade de Plataforma, pois esse Jornal de articulação não foi elaborado apenas pela equipe de ACC, foi também uma conquista do estímulo à participação da comunidade, através das oficinas de formação de agentes comunitários.

Além das atividades realizadas no bairro de Plataforma, reuniões semanais aconteciam no CRH/UFBA, onde a equipe discutia metodologias e formas de interação. Nossa ACC marcou presença também no Convescote, atividade de integração das ACC s, realizada pela Pró-Reitoria de Extensão.

5. METODOLOGIA

Não nos prendemos ao uso limitado de uma metodologia determinada, tentamos nos desarmar de qualquer tipo de academicismo, entretanto, algumas técnicas interacionistas foram utilizadas como estimulantes à participação da comunidade em oficinas, caminhadas, palestras etc., realizações de troca de conhecimento e interação entre universidade e sociedade.

Para a elaboração dos relatórios de campo que iriam formatar o relatório final das atividades, cobrado pela Pró-Reitoria de Extensão da UFBA, se fez necessário a utilização de alguns métodos de observação, como os exemplos da escuta flutuante, conversas informais, bate-papos, participação em reuniões de Associações no bairro de Plataforma etc., firmamos contato com a Pastoral da Criança, Kilombo Kiôô, Escola Bertholdo Cirilo, entidades que de certa forma refletiam em alguns momentos as aspirações daquela comunidade. Nas reuniões que participamos com jovens da Pastoral da Juventude, estudantes da Escola Bertholdo Cirilo, mães do bairro boiadeiro etc., utilizou-se constantemente a metodologia dialética do estímulo à discussão, seguindo o esquema de lançar o assunto, a exemplo da Saúde, falar um pouco da situação global, estimulando que falassem da situação local, através da utilização de dinâmica provocativa: falar, escutar, anotar, discutir. Desse modo, observamos os pontos de convergência e divergência; a repetição da convergência com a incidência de falas dava ao assunto validade, merecendo uma maior atenção na discussão da problemática.

6. CONCLUSÃO E RESULTADOS

O contato direto entre Universidade e Comunidade é uma prática que deve ser estimulada em todas as instituições de nível superior, é uma forma de aprendizado mútuo, nenhum dos entes perde com este contato. A universidade, representada por seus estudantes, põe em prática as teorias

discutidas, fazendo com que os discursos ganhem forma e ação prática. A interação é um teste profissional, cidadão e intelectual para os envolvidos. As comunidades participam da construção do conhecimento, não apenas como espectadores passivos, mas como atores do esboço intelectual. Com este contato, os moradores, principalmente dos bairros empobrecidos, têm acesso a um discurso sofisticado que pode ser utilizado como norteador de ações de desenvolvimento comunitário.

Nesse sentido, podemos concluir que o interacionismo entre universidade e comunidade é imprescindível para uma ação educativa de engajamento e parceria.

7. REFERÊNCIAS

RELATÓRIO DE ATIVIDADE CURRICULAR EM COMUNIDADE – Coletânea de Artigos - ACC/FCH-455 – Desenvolvimento Comunitário em Plataforma. 25 nov.02/12 abril. 03. Universidade Federal da Bahia. Salvador-Ba. 2003.

ESPINHEIRA, Gey. Salvador: a cidade das desigualdades. Cadernos do CEAS, nº 184, nov/dez. Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, 1999.

NUNES, Débora. **Pedagogia da Participação**. Trabalhando com comunidades. Tradução de Ciro Sales. Salvador: UNESCO/ Quarteto, 2002.